

Mnemosyne kai Sophia

José Augusto Ramos
Nuno Simões Rodrigues (coords.)

REGISTO E MEMÓRIA. ARRIANO E PLUTARCO SOBRE ALEXANDRE

MARIA DE FÁTIMA SILVA
Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

Que a historiografia e a biografia, cada uma a seu modo, de acordo com métodos e objectivos distintos, são terreno de registo e de memória, é afirmação incontroversa. É deste princípio geral que partiremos para uma abordagem de dois textos centrados numa mesma personagem, Alexandre o Grande, rei da Macedónia: *Anábase de Alexandre*, de Arriano, e a *Vida de Alexandre*, de Plutarco¹. Não se trata, no estudo que nos propomos realizar, de insistir nos méritos, maiores ou menores, de cada um destes contributos para a obtenção de um retrato fidedigno do soberano e da sua trajectória de conquistador. A nossa atenção irá incidir no testemunho que nos é dado por estes dois textos sobre a forma como Arriano e Plutarco lidaram com os materiais ao seu dispor (fontes orais e escritas, testemunhos plásticos e arqueológicos); ou seja, tentaremos reunir, nos seus textos, opiniões sobre os registos e memórias disponíveis, sobre o seu valor relativo, os critérios a aplicar à sua selecção, de modo a percebermos qual a posição que os dois autores se propunham adoptar dentro de um leque variado – e controverso – de relatos, estimulado por um homem e militar de excelência.

Activos em época próxima (finais do séc. I e primeira metade do séc. II d. C.)², Arriano e Plutarco colocam-se a uma distância semelhante em relação ao rei macedónio e em pé de igualdade no que respeita às fontes disponíveis para as suas narrativas. Tanto mais interessante se torna ouvi-los na avaliação

¹ Estes textos passarão a ser referidos neste artigo por *AA* (*Anábase de Alexandre*) e *VA* (*Vida de Alexandre*).

² Sobre a actividade literária de Arriano, *vide* Bosworth (1972) 163-185. Dela faz parte alguma biografia – *Vidas* de Díon e Timoleonte –, além de *logoi* do tipo histórico-geográfico – *Anábase de Alexandre*, um relato em oito livros intitulado *Assuntos da Bitínia* (terra natal do autor), uns *Parthica* em 17 livros, e um relato sobre *A sucessão de Alexandre*, em 10. Ou seja, a sua produção reparte-se entre a história, a geografia e a biografia, ocupando o oriente e a campanha de Alexandre um espaço destacado nos seus interesses. Nas palavras de Schwartz *apud* Bosworth (1972) 163, existe em Arriano «um progresso, a partir de monografias modestas ou especializadas, para obras de grande fôlego histórico, e de maior extensão e complexidade». A tendência de atribuir à *Anábase* uma data próxima de 145, Bosworth opõe uma antecipação para 115, questão de interesse para o estabelecimento de uma cronologia relativa entre este texto e a *VA* de Plutarco. Esta última terá sido publicada entre 110-115 d. C., muito pouco antes do ano proposto por Bosworth para a *AA*. Sobre todas as dúvidas na precisão de datas, resta-nos ainda o desconhecimento sobre o acesso que Arriano e o biógrafo de Queroneia teriam entre si.

que fazem desses mesmos registos, e nos propósitos que individualizam os depoimentos que se propõem, por sua vez, fazer.

Parece consensual, para ambos, que os méritos de um combatente como Alexandre poderiam suscitar, dentro de uma antiga tradição literária, o entusiasmo de poetas e cantores para a criação de um poema de tom épico. Aquiles – a quem aliás a tradição associava com a ascendência da corte macedónia (VA 2.1)³ –, o paradigma inultrapassado do *aristos* no campo de batalha, dependeu em boa parte, para a perenidade e louvor da sua excelência, de ter podido contar com um cantor do nível de Homero (VA 15.8, AA 1.12.1). Tanto Plutarco como Arriano reconhecem, portanto, que a ficção épica é um género «natural», de acordo com uma velha tradição, para celebrar um soberano, fazendo-o ascender ao plano paradigmático dos antigos heróis. Do ponto de vista de Plutarco, Aquiles deixou no jovem Alexandre uma marca genética, que o acompanhou ao longo da vida⁴ e pôde explicar as qualidades precoces que o filho de Filipe II desde cedo demonstrou⁵. Por isso, sob forma de um prodígio, a estátua de Orfeu em Libetra⁶ suou com abundância, aquando da partida do rei para a grande campanha da sua vida, a que realizou na Ásia; consultados os adivinhos, tornou-se claro «que ele havia de cometer feitos dignos de tal celebração e memória, que custariam a cantores e músicos (ἄοιδίμους καὶ περιβοήτους) muito suor e esforço» (VA 14.9); Arriano (AA

³ Segundo a tradição, no regresso de Tróia, Neoptólemo passou pela Molóssia, onde fundou a dinastia dos Pirriades. Daí a sua relação com Olímpia, a mãe de Alexandre.

⁴ Ainda que no âmbito de um outro género, tem sido reconhecida a forma como Plutarco introduziu na biografia que dedicou a Alexandre motivos épicos. No seu artigo «Tragedy and epic in Plutarch's *Alexander*» (1988) 83-95, J. M. Mossman assinala alguns episódios na saga de Alexandre que podem encontrar no Aquiles homérico uma referência; assim a abordagem do Macedónio, retirado do combate e refugiado na tenda (52), pelos companheiros, que tentam movê-lo de um afastamento depressivo, lembra naturalmente a embaixada a Aquiles no Canto IX da *Iliada*; igualmente épica é a descrição das armas de Alexandre, antes do combate decisivo em Gaugamelos (32.8-12), com sucessivas réplicas na *Iliada*, mas com brilho particular na descrição do famoso escudo de Aquiles, do Canto XVIII; do mesmo modo que a batalha contra os Malos representa uma espécie de *aristeia* épica (63.2-10); ou que a dor experimentada pela morte de Heféstion, um companheiro dilecto, e os sacrifícios feitos em sua homenagem (72. 2-5) lembram os que Aquiles dedicou a Pátroclo (*Il.* 23.175 sqq.). Mossman (1992) 109 acrescenta ainda que as características em comum com Aquiles constituem o lado positivo de Alexandre, enquanto o lado trágico – diríamos nós, dionisiaco – representa a sua face negativa.

⁵ É sobre uma harmonia psico-somática – «Alexandre era de compleição quente, o que fazia dele um grande bebedor e um espírito colérico», VA 4.7 – que Plutarco estabelece os alicerces da personalidade do rei. A esta matéria prima associava-se, de modo paradoxal, um autocontrole e uma moderação capazes de contrabalançar o que de «impetuoso e arrebatado» havia no seu carácter. Todo este potencial foi posto ao serviço de um objectivo, «o desejo de glória», que «estimulava nele uma determinação e um bom senso excepcionais»; σωφροσύνη, πραιότης, φιλοτιμία, φρόνημα e μεγαλόψυχον são valores que Alexandre partilha com o velho paradigma homérico.

⁶ Região da Macedónia, na base do monte Olimpo, ligada ao culto de Orfeu.